

Por enquanto, sem mudanças

Este ano será de definição específica de natureza e início de construção. No próximo ano, parte delas já estará funcionando". A educação do secretário de Ensino de 1º e 2º graus do Ministério da Educação (MEC), Julio Correa, referindo-se à implantação de mais 200 escolas técnicas em todo o País, por determinação do presidente José Sarney.

Acrescenta, entretanto, o secretário, que essas escolas não serão, necessariamente, "fechadas". Algumas serão parcerias com estados, municípios e comunidades". Segundo ele, já há escolas no país, de bom nível, consideradas particulares, mantidas por grupos de empresários, associações, fundações etc. que recebem subsídios do governo.

Julio Correa explica a necessidade de mais 200 escolas técnicas, acrescentando que a última escola técnica federal foi criada no Brasil em 1942. "Ha um descompasso entre o desenvolvimento industrial do Brasil e a estagnação no que diz respeito à formação da mão-de-obra".

Em 1971, continua, a lei obrigou que todo o ensino de 2º grau fosse profissionalizante. Um fracasso total. Não foi levado em conta que as escolas não estavam preparadas para tanto. Além disso, o aluno também precisa de formação de nível médio humanista e geral. O MEC pensa hoje que, ao lado de um 2º grau que de formação humanista e geralista, deve coexistir um 2º grau técnico que de uma profissionalização competente e de boa qualidade.

As escolas técnicas já existentes no País, segundo Julio Correa, são equipadas e apoiadas para continuarem formando profissionais de nível médio. E as outras escolas de 2º grau, que foram preparadas em 1971, a oferecerem formação profissionalizante, também continuarão a oferecer essa formação. Não haverá nenhuma modificação no sistema de ensino de 2º grau existente.

O secretário afirma, ainda, que as novas escolas técnicas não terão um modelo padrão e serão distribuídas de acordo com as diferentes realidades regionais do País. "São implícitas, também, as preparações, a contratação de mais professores, e, no momento em que se amplia a oferta, o MEC pretende abrir perspectiva para jovens de famílias mais humildes. Como hoje a relação entre a procura e as vagas é muito alta, são beneficiadas as famílias de melhores condições socioeconômicas".

"Ainda há muito que se consertar"

Na concordância de se dever abrir mais 200 escolas técnicas no País no momento, quanto aos problemas mais sérios a resolver". A opinião é da educadora Teresinha Rosa Cruz, professora do Departamento de Método e Técnica na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), coordenadora do ensino de 2º grau e é autora do livro Educação e Organização Social. Estudo comparado dos sistemas de educação dos Estados Unidos, Rússia e Brasil. Foi também professora, orientadora no extinto Centro Integrado de Ensino Médio (o Ciem), uma experiência pedagógica moderna, bastante avançada e liberal, para a época (década de 60), com alunos de 2º grau (ensino médio, então), realizada pela Universidade de Brasília. Um laboratório da Faculdade de Educação.

Para ela, deveria ser intensificada de forma violenta e constante a luta por uma educação oferecendo formação profissional para o aluno que estiver interessado. E o ensino médio, que não tem condições de não aluno maior adaptabilidade tanto à Universidade quanto ao emprego que for produtivo. Por isso, deve ser revisado o formato geral.

Quanto à preparação da mão-de-obra para o mercado de trabalho, ela acha que a indústria é que deve formar o pessoal do qual precisa, além de realizar cursos de treinamento para seus funcionários. Entretanto não isenta totalmente o governo de suas responsabilidades.

Acho que deveriam ser abertas mais escolas técnicas, mas somente em regiões de maior demanda, nas zonas de maior pobreza, em regime emergencial. E, paralelamente, se abrir mais escolas de ensino geral boas, que ofereçam formação profissionalizante como complemento, de acordo com a realidade dos alunos. As escolas técnicas agora, só em locais de carência absoluta. No sistema capitalista, a indústria usufrui da mão-de-obra que precisa de treinamento, mas não isenta totalmente o governo de suas responsabilidades.

Sugere, ainda, a professora que se dê dinheiro para os Estados criarem escolas e pagarem seus professores. "O Ministério da Educação deveria acabar com a política de pagar os professores. O MEC deveria orientar mais, que crie uma linha de princípios e deixe os estados trabalharem, sem deixar de contar o que eles fazem".

O sistema autoritário tornou o professor amador, um simples funcionário público, sem caráter, sem poder, sem iniciativa. Tem uma administração que decide tudo por ele. O professor precisa de tempo para melhorar sua qualidade. Que o governo pague os aper-

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO

ARQUIVO